



Lidar com o antissemitismo online

*Material
pedagógico*

9

1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas
4. Desconstruir as teorias da conspiração
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto
6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto
7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
8. Lidar com incidentes antissemitas
- 9. Lidar com o antissemitismo online**
10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

Lidar com o antissemitismo online

A Internet abriu todo um novo mundo ao proporcionar acesso fácil a uma vasta quantidade de informação. Também apresenta um desafio que é novo e essencial: aprender o conjunto de competências necessárias para identificar com exatidão o que é verdadeiro e o que é falso. Ao facultar meios de partilha de peças informativas e possibilitar a interação com terceiros online, deu às pessoas uma nova linguagem com a qual podem comunicar.

Como acontece com todas as novas formas de comunicação, é necessário estudar os efeitos positivos e negativos da comunicação online. E, tal como acontece no mundo físico, os utilizadores da Internet precisam de um espaço inclusivo onde se sintam seguros e respeitados. Infelizmente, a capacidade de interagir online de forma anónima torna difícil responsabilizar as pessoas pelas suas observações. A linguagem de ódio pode ser amplificada e reproduzida exponencialmente através da partilha de conteúdos nas redes sociais. A propagação do discurso intolerante anónimo ou “discurso de ódio” pode ter efeitos extremamente nocivos para

algumas pessoas e grupos, perpetuando o recurso a estereótipos negativos.¹

Assim, embora ofereça avanços incríveis, a Internet e concretamente as redes sociais têm também facilitado a propagação do ódio a um público massificado. Os relatórios mais recentes sobre ódio digital têm demonstrado que o antissemitismo está a florescer na Internet.² Para contrariar esta tendência, os professores têm de estar cientes das formas como o discurso de ódio pode entrar na sala de aula:

- os alunos podem deparar-se com websites antissemitas, de negação do Holocausto ou de propagação de ódio durante as atividades de pesquisa ou enquanto navegam na Internet;
- os alunos podem ser expostos a e absorver antissemitismo nas redes sociais; e/ou
- os alunos podem ser vulneráveis a, levar a cabo ou testemunhar situações de ciberintimidação, que também podem ter uma dimensão antissemita.

O discurso de ódio anda normalmente de mãos dadas com a ciberintimidação, e os seus efeitos nocivos não devem ser subestimados. Trata-se de um tipo de abuso que, inicialmente, pode tentar isolar a vítima para que esta se sinta diferente, indesejável e indigna, mas também pode progredir para a violência física.

O discurso de ódio e os estereótipos nocivos podem ser encarados como piadas pelos seus autores que, muitas vezes, exploram categorias simples e facilmente reconhecíveis que representam “nós” e “eles/elas”. São vários os motivos destes ataques anónimos. É possível que quem leva a cabo o discurso de ódio o faça para descarregar as suas frustrações interiores e ajudar-se a si próprio a sentir-se melhor ao rebaixar terceiros, criando uma falsa sensação de controlo e poder.

Este material pedagógico apresenta estratégias para lidar com o ódio online quando este entra na sala de aula, com o objetivo de reduzir o seu impacto.

¹ Embora os Estados participantes na OSCE se tenham comprometido a combater o discurso de ódio (Carta OSCE para a Prevenção e Combate ao Terrorismo, Documento da Décima Reunião do Conselho Ministerial, Porto, 7 de dezembro de 2002, <<https://www.osce.org/mc/42536?download=true>>), não existe um consenso na OSCE sobre as formas de discurso de ódio que devem ser criminalizadas para além do discurso que ameaça e incita à violência.

² Ver, por exemplo: “Digital Terrorism and Hate”, Shimon Wiesenthal Center, 2019, <<http://www.digitalhate.net/index.php>>.

Ciberintimidação

A ciberintimidação é um tipo de intimidação que ocorre através de dispositivos digitais como telemóveis, computadores e tablets. A ciberintimidação pode ocorrer através de mensagens de texto e aplicações, ou online nas redes sociais, fóruns ou jogos que permitem aos utilizadores da Internet ver, participar em ou partilhar conteúdos. A ciberintimidação inclui o envio, a publicação ou a partilha de conteúdos negativos, nocivos, falsos ou maliciosos sobre alguém. Pode incluir a partilha de informações pessoais ou privadas para causar constrangimentos ou humilhação. Por vezes, a ciberintimidação evolui para um comportamento ilícito ou criminoso.

Os locais onde a ciberintimidação ocorre com maior frequência são:

- redes sociais, como o Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter;
- mensagens de texto (SMS) enviadas através de dispositivos móveis;
- mensagens instantâneas através de serviços de correio eletrónico, aplicações e funcionalidades de mensagens das redes sociais; e
- correio eletrónico.

FONTE: StopBullying.gov, <www.StopBullying.gov>.

Contexto

O discurso de ódio antissemita é um fenómeno antigo que floresce atualmente nas plataformas de redes sociais e aplicações de mensagens instantâneas, que se podem transformar em terreno fértil para o ódio. Desta forma, o discurso de ódio e a ciberintimidação que se verificam online podem ser transferidos para a sala de aula. O trabalho de monitorização realizado pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia concluiu que as expressões de antissemitismo em

fóruns online estão a aumentar na União Europeia.³

Em 2017, o relatório anual “Digital Terrorism and Hate” (Terrorismo digital e ódio), publicado pelo Centro Simon Wiesenthal, identificou 24 jogos antissemitas acessíveis na Internet, e também antissemitismo e discurso de ódio em plataformas de redes sociais, blogues, aplicações de mensagens, fóruns de debate, canais de vídeo e outros meios de comunicação online.⁴ Por vezes,

o antissemitismo pode ser expresso através de símbolos em publicações nas redes sociais, identificadores do Twitter, blogues e fóruns. Uma vez que os antissemitas escolhem normalmente como alvo personalidades e celebridades conhecidas, é provável que os alunos se deparem com antissemitismo e discurso de ódio online.

Um inquérito realizado em 2018 pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia pediu

³ “Antisemitism: Overview of data available in the European Union 2005-2015”, Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA), novembro de 2016, p. 18, <<https://fra.europa.eu/en/publication/2016/antisemitism-overview-data-available-european-union-2005-2015>>.

⁴ “Digital Terrorism and Hate”, Simon Wiesenthal Center, 2017, <digitalhate.net/>.

a judeus europeus residentes em vários Estados-Membros que falassem sobre as suas experiências e perceções relativamente ao antissemitismo. Oitenta e cinco por cento dos inquiridos consideraram que o antissemitismo é um problema grave. Dos ambientes onde encontraram antissemitismo, 89 por cento dos inquiridos consideraram o antissemitismo online o mais problemático. Oitenta por cento dos inquiridos que se depararam com declarações antissemitas no ano transato afirmaram que as encontraram online.⁵ Esta resposta foi muito mais comum entre os inquiridos mais jovens. Por exemplo, 88% dos inquiridos com idades compreendidas entre os 16 e os 29 anos, e 89% dos jovens entre os 30 a 44 anos, tinham visto ou ouvido declarações negativas sobre judeus na Internet. Os inquiridos mais jovens foram também os que mais ouviram declarações negativas sobre os judeus em situações sociais ou locais públicos fora da esfera online.⁶

Uma ficha informativa de 2016 da Liga Antidifamação, que apresenta várias notas sobre dados de

investigação, indica que, nos Estados Unidos, 22 por cento dos alunos com menos de 18 anos de idade disseram já ter sofrido de intimidação na escola, e 28 por cento admitiram ter sofrido situações de ciberintimidação ao longo da vida.⁷

A intimidação online e a difusão do discurso intolerante está a tornar-se cada vez mais um problema dentro das escolas, uma vez que os alunos permanecem continuamente ligados através dos seus smartphones, incluindo quando estão nas salas de aula. O anonimato dos perfis online permite que os utilizadores expressem as suas opiniões sem quaisquer consequências e sem se encontrarem pessoalmente com o destinatário. No caso da ciberintimidação e do ódio online, as pessoas com comportamentos e mentalidades semelhantes podem juntar-se para constituir um grupo de ódio online com o objetivo de atacar uma pessoa em particular. As consequências podem afetar gravemente a vítima na sua vida real e, quando há o envolvimento de alunos, podem também prejudicar o ambiente e a cultura da turma.

Discurso de ódio

As formas de expressão que são motivadas por, que demonstram ou que incentivam à hostilidade para com um grupo — ou uma pessoa por pertencer a esse grupo — são normalmente referidas como “discurso de ódio”.

FONTE: *Preventing and Responding to Hate Crimes: A resource guide for NGOs in the OSCE region* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2009), p. 17, <<https://www.osce.org/odihr/39821>>

É essencial compreender os potenciais danos que o discurso de ódio pode causar e refletir também sobre a sua natureza subjetiva: nem todos consideram a mesma afirmação ofensiva, cada aluno é diferente, nomeadamente na sua sensibilidade e sentido de humor, e os alunos podem responder de forma diferente ao mesmo incidente. No entanto, estes efeitos nocivos nunca devem ser subestimados. Mesmo que seja difícil identificar exatamente o que é ofensivo numa declaração feita online ou na vida real, se estiver a ter um efeito negativo nunca deve ser ignorada.

⁵ “Experiences and perceptions of antisemitism: second survey on discrimination and hate crime against Jews in the EU”, Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA), 2018, p. 11, <<https://fra.europa.eu/en/publication/2018/2nd-survey-discrimination-hate-crime-against-jews>>. As conclusões gerais são baseadas nas respostas de 16395 judeus autoidentificados que vivem em 12 Estados-Membros da UE. Nestes Estados vive mais de 96% da população judaica estimada da UE.

⁶ *Ibid.*, p. 27.

⁷ Instituto A World of Difference da ADL, “Statistics on bullying”, 2016, <<https://www.adl.org/sites/default/files/documents/bullying-cyberbullying-statistics-overview-one-sheet.pdf>>.

Estratégias para lidar com o discurso de ódio online na sala de aula

Como posso denunciar conteúdo de ódio online?

Caso se depare com um discurso intolerante de tal forma nocivo que considere que o mesmo deve ser removido da Internet, informe imediatamente o anfitrião ou a administração do website. As empresas de redes sociais, como o Facebook, Instagram, YouTube e Twitter, seguem um código de conduta que as obriga a monitorizar constantemente as denúncias e a remover rapidamente os conteúdos de ódio. Por exemplo, ver as orientações para denúncia do Twitter aqui:

<<https://help.twitter.com/en/rules-and-policies/twitter-report-violation>>.

Leia mais sobre o trabalho da Comissão Europeia com as empresas de TI no sentido de fazer cumprir estas práticas, aqui:

<https://ec.europa.eu/commission/news/countering-illegal-hate-speech-online-2019-feb-04_en>.

Para ajudar a criar um ambiente seguro e inclusivo na sala de aula e para compreender melhor qualquer forma de intimidação ou intolerância que possa estar a afetar os seus alunos, é importante que os incentive e lhes dê as ferramentas necessárias para denunciar todos

os casos que encontrem, e estabelecer canais seguros para o fazerem. Devem existir na sua escola mecanismos confidenciais de denúncia de incidentes de intimidação, bem como procedimentos claros para investigar e responder a tais incidentes. Os alunos devem

ter a capacidade de identificar um discurso intolerante e compreender os procedimentos de segurança em vigor, como contar a um adulto de confiança.

É também importante “reforçar que há uma diferença entre ser «má-língua» e fazer uma denúncia responsável, e transmitir aos jovens quais são as consequências destrutivas de manter o silêncio sobre situações de intimidação e preconceito”.⁸

Para os seus alunos, também poderá ser útil aprender sobre as organizações da sociedade civil da sua região ou país que monitorizam ou fazem campanha contra o discurso de ódio. Os alunos podem também investigar sobre as pessoas que promovem ativamente a tolerância e a não-discriminação, por exemplo, através de projetos que reúnem várias comunidades e difundem mensagens positivas.

⁸ Lee Hirsch e Cynthia Lowen, *Bully: An Action Plan for Teachers, Parents, and Communities to Combat the Bullying Crisis* (Reino Unido: Hachette, 2012).

Campanha Juvenil Contra o Discurso de Ódio

O Movimento Contra o Discurso de Ódio é uma campanha juvenil liderada pelo Conselho da Europa que tem por objetivo mobilizar os jovens para combater o discurso de ódio e promover os direitos humanos online. Tem campanhas nacionais em 45 países.

Leia mais sobre os recursos desenvolvidos para prevenir, combater e produzir narrativas alternativas ao discurso de ódio e campanhas nacionais aqui:

<<https://www.coe.int/en/web/no-hate-campaign/national-campaigns1>>.

O antissemitismo na Internet e nas redes sociais pode ser abordado em contextos educativos através do desenvolvimento de competências de comunicação e informação combinadas, por exemplo, com competências interculturais, das seguintes formas:

- sensibilização para a presença, ameaça e perigos do antissemitismo online, e para a forma como este é transferido para o mundo real;
- orientar os alunos para que compreendam que têm o direito de intervir no panorama da informação, dos meios de comunicação e da tecnologia, e que podem influenciar a mudança;
- orientar os alunos sobre como podem utilizar a Internet para ações sociais positivas, incluindo a adesão a grupos que defendem a tolerância e o respeito pelos judeus e outros povos ou culturas;
- examinar uma seleção de representações culturais em várias fontes de comunicação social e informação, como as representações históricas, e analisar as palavras e imagens utilizadas ou omitidas, bem como o contexto sociocultural dos conteúdos de comunicação social;
- explicar possíveis respostas aos incidentes de antissemitismo online, as opções disponíveis para tomar medidas, e como avaliar qual é a linha de ação mais adequada, incluindo o distanciamento;

- debater as formas de manipulação dos consumidores de informação através do conteúdo emocional-moral das mensagens das redes sociais;
- orientar os alunos para desenvolverem os conjuntos de competências necessários para avaliar as provas e discernir quais as informações em que se pode confiar com base numa investigação verificável ou numa lógica objetiva; e
- capacitar os alunos com as competências necessárias para que se tornem, eles próprios, criadores e produtores ponderados de informação e comunicação, dando-lhes uma oportunidade de rejeitar mais ativamente o antissemitismo e outras formas de ódio;
- avaliar a utilização segura da Internet por parte dos alunos para compreender e colmatar os défices de competências e conhecimento; e
- traduzir os quadros jurídicos para uma linguagem simples que os alunos possam compreender, e debater essas leis e os mecanismos de denúncia das redes sociais com os alunos.

FONTE: *Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), p.50, <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

O que deve ter em conta ao lidar com o discurso de ódio antissemita e a ciberintimidação:

- não subestime os efeitos nocivos destas práticas; e
- se algo parece estar errado, provavelmente está errado.

O que devo fazer se...?

... um aluno for vítima de assédio antissemita nas redes sociais?

Se notar ou tiver motivos para suspeitar que um dos seus alunos é alvo de assédio antissemita online, certifique-se de que o aluno em questão se sente ouvido e compreendido. Fale com o aluno para saber como é que está a lidar com a situação e ofereça-lhe apoio. O apoio às vítimas deste tipo de assédio deve ser a prioridade número um.

Se a sua escola tiver uma política para a ciberintimidação, não se esqueça de seguir as diretrizes adequadas para denunciar o incidente. As escolas podem lidar com a ciberintimidação da mesma forma que lidariam com um caso de intimidação na vida real. Se o assédio continuar ou aumentar, pode considerar contactar os pais ou tutores do autor ou da vítima do assédio.

Independentemente de saber ou não quem é a pessoa responsável pelo assédio, pode denunciar a publicação ou publicações ofensivas à empresa da rede social ou da plataforma online onde estão alojadas. A denúncia é anónima e, se a publicação ou o comentário for

removido, a pessoa será notificada de que circulou conteúdo ofensivo.

... um aluno encontrar material antissemita durante uma pesquisa online?

Esta questão deve ser abordada abertamente com a turma. Primeiro é necessário criar um espaço seguro no qual se possa abordar este assunto complexo. Devem ser consideradas todas as sensibilidades pessoais como, por exemplo, se há judeus na turma. Considere criar algumas “regras de envolvimento” para iniciar o debate na sala de aula. Para orientação sobre como estabelecer tais regras, pode consultar o material pedagógico n.º 5 do ODIHR, “Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto”.

O debate sobre uma publicação ou um comentário ofensivo encontrado online pode ser educativo, uma vez que proporciona uma oportunidade de avaliar as fontes, uma competência fundamental para a literacia digital. Peça aos alunos que identifiquem a parte antissemita da publicação. Conseguem identificá-la? Será que esta parte invalida o resto do material? Estas perguntas podem abrir o debate

sobre a necessidade de refletir criticamente sobre a informação que consumimos, especialmente online, onde a verificação de factos está menos instituída e é fácil fabricar e divulgar histórias falsas. Também pode ser útil consultar o material pedagógico n.º 4 do ODIHR, “Desconstruir as teorias da conspiração”, ao debater informações encontradas online.

... for informado sobre uma publicação antissemita nas redes sociais feita por um aluno ou colega?

Os incidentes nas redes sociais podem entrar na sala de aula e perturbar o ambiente de aprendizagem. Nesta situação, é importante seguir a política da escola e avisar a direção da escola, se aplicável.

Se a publicação tiver sido feita por um aluno, poderá ser uma oportunidade para realizar um debate na sala de aula. Este debate pode ocorrer sem referências diretas à publicação em questão. Por exemplo, pode iniciar um debate na aula sobre a tomada de consciência dos nossos próprios preconceitos. O aluno responsável pela publicação pode não ter consciência de que aquilo que publicou

Lista de verificação de fontes

Como potencial trabalho de pesquisa, peça à turma que investigue as fontes de informação de uma publicação ou história online, e outras fontes (factuais) opostas utilizando a lista de verificação de fontes.

- **VERIFICAR A FONTE:** onde são publicadas as notícias? Que tipo de website/página do Facebook/conta do Twitter/YouTube/Instagram é este? Consegue ver quem o está a publicar?
- **VERIFICAR O AUTOR:** qualquer fonte séria deve revelar o autor.
- **LER PARA ALÉM DA MANCHETE:** as manchetes são, por vezes, usadas como “anzol” para orientar os leitores para que tenham uma certa opinião ou para “vender” o artigo ou a informação que tentam divulgar.
- **VERIFICAR OUTRAS FONTES DE SUPORTE:** verifique as ligações indicadas como fontes e tente também verificar a sua legitimidade.

- **PERGUNTAR A UM ESPECIALISTA:** a orientação de uma pessoa mais conhecedora — tal como um professor, um bibliotecário ou um representante de um museu — pode ajudar a esclarecer a informação.
- **UTILIZAR WEBSITES DE VERIFICAÇÃO DE FACTOS:** enciclopédias; Factcheck.org; Rede Internacional de Verificação de Factos (International Fact-Checking Network, IFCN).

A *literacia digital* é a capacidade de encontrar e avaliar informação online e distinguir o que é verdadeiro do que é falso. Esta combina capacidades de pensamento crítico, como a verificação da fonte, com novos conhecimentos sobre como funciona o mundo digital, como a utilização de motores de busca. Utilizando a lista de verificação de fontes, os alunos podem analisar fontes de informação verificáveis sobre o Holocausto, por exemplo.

é antissemita, e o debate sobre preconceitos é o primeiro passo para desenvolver essa consciência. Pode também debater o motivo pelo qual perpetuar estereótipos é prejudicial para o objetivo de garantir um ambiente diversificado e inclusivo onde todas as pessoas se sintam seguras. Enquanto modelo credível, um professor está bem posicionado para debater o impacto de um exemplo de antissemitismo que tenha entrado na sala de aula ou que se encontre online.

Se um colega professor partilhar uma publicação antissemita que possa ser vista pelos seus alunos (isto é, através de uma conta pública), pode também alertar as autoridades escolares e/ou seguir a política adequada.

... **souber que está a ser partilhado conteúdo antissemita dentro da escola?**

Trabalhe com a direção da escola, que é responsável pela investigação de incidentes desta natureza, tendo em conta que pode tratar-se de um ataque de “spoofing” (quando uma comunicação fraudulenta ou maliciosa é enviada por uma fonte desconhecida disfarçada de fonte conhecida pelo destinatário). Se o conteúdo em causa apelar à violência, é provável que se trate de um ato criminoso e deve ser denunciado à polícia.

Por exemplo, há e-mails que podem circular para aumentar a sensibilização sobre questões políticas ou de direitos humanos, mas por vezes

também podem explorar estereótipos antissemitas que geram hostilidade contra os judeus. Se os alunos demonstrarem preocupação sobre uma questão específica de direitos humanos, ou caso tenham sido expostos a um e-mail deste tipo, poderá valer a pena explorar a situação na aula, para que fiquem mais bem informados e menos vulneráveis perante informações preconceituosas ou propaganda.

Debata o problema da propagação de conteúdos virais com a turma e analise alguns critérios básicos para decidir quando se deve enviar ou partilhar tais conteúdos. O “teste do filtro triplo” é uma forma excelente e acessível de determinar o valor da partilha de uma informação.

O teste do filtro triplo

Na Grécia Antiga, os filósofos tinham a fama de atribuir um grande valor ao conhecimento. Um dia, uma pessoa conhecida de um grande filósofo encontrou-o e perguntou-lhe: “Sabes o que acabei de ouvir sobre o teu amigo?”

“Espera um pouco”, respondeu o filósofo. “Antes de me falares sobre o meu amigo, talvez seja boa ideia tirarmos alguns momentos para filtrar o que vais dizer. Chamo a isto o teste do filtro triplo. O primeiro filtro é a Verdade. Tens a certeza absoluta de que o que estás prestes a dizer-me é verdade?”

“Bem, não”, respondeu o homem, “por acaso é algo que acabei de ouvir dizer e...”

“Muito bem”, disse o filósofo. “Portanto, não sabes se é verdade ou não. Agora, vamos tentar o segundo filtro, o filtro

da Bondade. O que estás prestes a dizer-me sobre o meu amigo é algo bom?”

“Hmmm, não, pelo contrário...”

“Então”, continuou o filósofo, “queres contar-me algo de mau sobre o meu amigo, mas não tens a certeza de que é verdade. Ainda podes passar no teste, porque ainda falta um filtro: o filtro da Utilidade. O que estás prestes a dizer-me sobre o meu amigo vai ser-me útil?”

“Não, nem por isso.”

“Bem”, concluiu o filósofo, “se o que me queres dizer não é nem verdade, nem bom, nem sequer útil, por que razão mo haverias de dizer?”

Recursos e materiais para leitura complementar

Para saber mais sobre a natureza da ciberintimidação e as formas de a contrariar, visite:
<www.StopBullying.gov>.

Para obter mais informações sobre como identificar e denunciar o discurso de ódio online, visite:
<<http://www.facingfacts.eu/>>.

Leia o manual do Conselho da Europa para o combate ao discurso de ódio online através do ensino sobre os direitos humanos aqui:
<<https://rm.coe.int/168065dac7>>.

O website da Liga Antidifamação apresenta uma breve história do antissemitismo, aqui:
<<https://www.adl.org/sites/default/files/documents/assets/pdf/education-outreach/Brief-History-on-Anti-Semitism-A.pdf>>; e
<www.adl.org/anti-semitism>.

Alguns dos recursos e informações sobre como combater o discurso de ódio são:

- Hate Speech Overheard:
<www.tolerance.org/magazine/hate-speech-overheard>;
- NPR: Fighting Hate in Schools (com foco nas escolas dos Estados Unidos)
<www.npr.org/sections/ed/2017/04/05/522718288/fighting-hate-in-schools>; e
- Publicação da UNESCO sobre “Countering online hate speech”
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002332/233231e.pdf>>.

Relativamente às atividades na União Europeia que têm por objetivo tornar a Internet mais segura para os jovens, ver:
<<https://www.betterinternetforkids.eu/web/portal/saferinternet4eu>>.

A UNESCO criou o *Teacher’s Guide on the Prevention of Online Extremism* (Guia do professor para a prevenção do extremismo online) (2016), que contém informações úteis sobre como combater o discurso de ódio e cultivar um ambiente seguro na sala de aula, ver:
<<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244676>>.

O guia da UNESCO *Countering Online Hate Speech* (Combater o discurso de ódio online) (2015) sugere que os educadores promovam a literacia mediática e informacional dos alunos para responder ao discurso de ódio ao informá-los e orientá-los sobre como analisar e responder positivamente ao discurso de ódio, ver:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002332/233231e.pdf>>.

Para consultar um debate sobre como lidar com o discurso de ódio na Internet, e sobre ética e jornalismo digital, ver:
The Online Media Self-Regulation Guidebook, Gabinete do Representante da Liberdade dos Meios de Comunicação Social da OSCE, (Viena: 2013), p. 50-73,
<<https://www.osce.org/fom/99560?download=true>>.

